mette ser fecunda, porque começou logo trabalhando e trabalhando importantemente.

DAS CAUSAS QUE TEEM INFLUIDO NO ANDAMENTO DA CIVILIZAÇÃO NOS DIVERSOS PAIZES. (*)

710 Desde os tempos em que a civilização se veio estabelecer e crescer na terra da Grecia, foi so pela Europa que ella foi dilatando gradualmente as suas conquistas. Em todos os outros logares ficou circumscripta em limites fixos, ou apenas marchou vagarosamente obedecendo ao impulso europeu. É facil dar a razão d'isto.

Em parte nenhuma a não ser na Europa, existem, na proporção sufficiente, as diversas condições, cujo concurso tem sido até aqui indispensavel para o progresso das sociedades. A Africa não as possue. Cortai-lhe o Egypto, um pequeno número de valles e pontos do littoral, e essa parte do mundo ficará com muito poucas terras habitaveis. A structura do seu solo produz em quasi toda ella uma aridez invencivel. As aguas, por falta de declives continuados, se estagnam, e a poucos sitios podem dotar de vida e fecundidade: não ha bacias onde essas aguas se possam ajunctar; e apenas ha alguns rios, que, atravez de pedras e alturas que lhes obstruem o fundo, nem todos chegam a desaguar no mar. Por isso, a serie de campinas que se continuam entre os massiços das montanhas estão cheias de immensos pantanos, as planicies são desertos carregados de areia ou juncados de pedras. N'um terreno d'estes, necessariamente ha de haver falta de vastos espaços cultivaveis, e da facilidade de communicações reclamadas pelo desenvolvimento do commercio. Por outra parte tambem, é a Africa o paiz onde o estabelecimento das relações maritimas tem apresentado maiores obstaculos. As costas abruptas ou baixas dos dois oceanos que a banham, não teem esses recortes estreitos e fundos cuja existencia tem permittido e animado os primeiros ensaios da navegação. Na proximidade d'ellas não se veem terras, ilhas, archipelagos, cuja vizinhança suscite o desejo de as visitar: parece que a natureza quiz deproposito separar as populações africanas do resto do mundo, e confinal-as no recinto inhospitaleiro em que as encerrou.

E a Africa não é so a parte do mundo menos bem dotada de meios de actividade agricula e mercantil, tambem o é nas circumstancias do clima. Cortada no centro pelo equador, jaz quasi toda sob o sol dos tropicos e recebe os seus raios a pino. A ésta causa da excessiva elevação de temperatura, ajuncta-se outra que lhe é tambem peculiar, a ardente sequidão que em seus desertos immensos produzem os ventos que os atravessam. E d'aqui procede um calor cuja intensidade doentia é sem egual nas outras partes da terra.

Nos paizes que tocaram á raça negra é principalmente onde mais obstaculos se encontram aos progressos das luzes e da industria. Não so os desertos quasi intransitaveis deixam ésta raça sem communicação com as nações da Europa e da Asia; mas ainda outros desertos formados de planicies sêccas e paues impraticaveis a separam entre si em grupos cujo isolamento os priva dos meios de se illustrar e auxiliar mutuamente. Seria debalde que as necessidades, desconhecidas em taes climas, as producções, de uma diversidade não admittida pelas circumstancias dos logares e temporaturas, la provocariam o commercio a desenvolver-se; as povoações dispersas pela Africa, teriam que vencer muitos perigos para entrar em contacto regular, e nem suas relações poderíam augmentar sensivelmente o seu bem-estar ou as suas luzes. Até hoje so uma especie de trabalho tem sido permittida á raça negra, a exploração d'aquella parte da terra capaz de cultura, e as suas descubertas não teem podido passar além dos cerrados limites em que as fecha uma experiencia toda local.

É justo que se observe tambem que as difficuldades contra que tem que luctar a agricultura nas zonas torridas, são na Africa muito maiores que em nenhuma outra parte. Ás sêccas que, em muitas partes, duram oito e dez mezes, succedem temporaes o chuvas de grande violencia, de modo que muito custa ao lavrador achar occasião de dar as sementes á terra.

Em nenhum outro paiz se acham menos espaços cultivaveis, ainda mesmo nos sitios em que a terra é de boa qualidade. So a agua póde assegurar a colheita; é impossivel aos agricultores apartarem-se das suas vizinhanças; mas alli, com essa excessiva fôrça de vegetação, apparecem muitas difficuldades e inconvenientes. É preciso a toda a hora defender os campos invadidos pelas sementes das hervas parasitas; á menor interrupção do trabalho, os mattagaes tomam posse do terreno que se lhes quiz roubar, e so á fôrça de grandes esforços póde o homem ficar senhor d'elle.

Outros flagellos, não conhecidos nas regiões temperadas, oppoem na Africa, mais ainda do que no resto dos paizes equatoriaes, numerosos obstaculos á extensão dos proventos da agricultura. Como em todos os paizes, em que as terras bem regadas são as unicas cultivaveis, espaços de uma extensão immensa, abandonados á natureza, servem de repasto a uma multidão de animaes cujas devastações são a ruina e terror dos campos. Umas vezes nuvens de gafanhotos sahem do deserto para destruir as cearas até aos seus últimos vestigios; outras vezes as feras carnivoras devoras os rebanhos, e o que é peior ainda as feras hervivoras talam os campos cultivados. Todas as vezes que as longas sêccas fazem morrer as plantas de que esses animaes se sustentam, precipitam-se aos bandos sôbre as cearas e devoram-nas antes de feitas. Não ha calamidade mais commum nem mais temida; não ha nenhuma que mais desanime os esforços dos povos nem mais prejudique os progressos da commodidade e da industria (1).

(1) A devastação feita pelos animaes, nos paizes quentes, são ainda mais prejudiciaes e frequentes, quanto mais a falta d'agua obriga a deixar mais terras ao matto e ás hervas silvestres. Na India onde este mal é menos do que na Africa, é elle comtudo de uma magnitude difficil de ser bem comprehendida por um europeu. Ha provincias onde as colheitas desapparecem frequentemente cortadas pelo dente dos bufalos, veados, corsas, porcos bravos, elephantes etc. Os macacos, os passaros, os vermes, e os insectos não fazem menos mal. Assim que apparece um bando de bufalos ou de elephantes as povoações se consternam e desesperam: muitas vezes os povos desamparam as aldeas. Encontram-se n'este assumpto mui curiosos detalhos na grande obra que hoje publica Montgomery com a protecção e auxilio dos documentos officiaes fornecidos pelo tribunal dos di-

[*] Continuado de pag. 78.

SUMMARIO.

CONHECIMENTOS-UTEIS: Liga promotora dos interesses materiaes do paiz — Das causas que teem influido no andamento da civilização nos diversos paizes (*continuação*) — Experiencias submarinas — Medicina (Pomada depilatoria contra a tinha). PARTE LITTERARIA: Da antiga poesia portugueza — Descubrimento da ilha da Madeira (Romance-historico, II capitulo) — O abandono (Poesia) — A Eschola d'architectura do Gremio-litterario (Bellas-Artes) — Espectaculos (Theatro nacional Concerto (do Sr. Rossi) — VARIEDADES: O Castello de Cintra — Correio-Extrangeiro — Correio nacinal.

CONHECIMENTOS UTEIS.

LIGA PROMOTORA DOS INTERESSES MATERIAES DO PAIZ.

709 No antecedente número da REVISTA disse-se alguma coisa sôbre ésta importante instituição que se projectava realizar Não ha exemplo de coisa no nosso paiz que tam depressa se verificasse e tanto prometta de si. No domingo (19) houve a primeira reunião preparatoria em casa do Sr. Ayres de Sá Nogueira. A assembléa era ainda pouco numerosa; mas ja brilhante. Foi proposta e unanimemente acceita a presidencia do Sr. Antonio José d'Avila; mas S. Ex.ª escusou-se por motivo da sua breve volta para França; em consequencia do que, e depois de muito instado, occupou a cadeira o dono da casa. O Sr. Claudio Adriano da Costa apresentou então um relatorio sôbre o estado financeiro do paiz, e em particular de alguns estabelecimentos monetarios, seguido de um plano d'emissão de um papel-moeda resgatavel em poucos annos. Foi nomeada uma commissão para dar o seu parecer sobre este importante trabalho, composta do auctor do projecto, e S s.: C. X. Pereira Brandão, Felix Pereira de Magalhães, A. J. d'Avila, e Albino Abranches de Figueiredo.

A assemblea decidiu estabelecer correspondentes em todas as principaes terras do reino, e chamar ao seu gremio todas as pessoas intelligentes, e da classe do commercio e proprietarios, que se quizessem associar.

A segunda reunião ficou destinada para o dia 22, no escriptorio da companhia Providencia.

—

Todas as pessoas que desejarem fazer parte da *liga*, podem dirigir o seu nome e morada ao Escriptorio da Companhia Providencia, rua do Alecrim n.º 10.

—

A organização da *liga promotora dos interesses materiaes*, póde ser o meio salvador do nosso paiz, se essa organização for sensata e completa, como eu tenho fe que será, e se encontrar as sympathias da nação como muito é d'esperar.

O programa da liga é promover todos os trabalhos, empresas, e meios physicos; cujo objecto seja o desenvolvimento e augmento da riqueza material do paiz. Ja se ve que a liga abrange no seu complexo todas as instituições e combinações economicas tendentes ao mesmo fim. As utilidades sociaes de toda a natureza, são pois o seu resultado.

N'este nosso Portugal uma instituição assim fundada, com o intuito de propagar todos os generos de industria, dar emprego lucrativo aos capitaes, e occupar os braços do povo — n'um paiz onde tudo isto falta—abre decerto uma era nova na nossa existencia social. Aqui não se conhece, por assim dizer, outra industria senão a de empregado-publico. A emprego-mania ataca todas as classes e todos os homens ainda os mais independentes. O furor de occupar um logar qualquer do Estado, é tal, que faz pasmar como ha homens que se subjeitam de bom grado e solicitam encargos e responsabilidades por um mesquinho ordenado mal pago de alguns centos de mil réis; e homens muitas vezes em estado de obterem pela sua industria o triplo e mais dos interesses que legitimamente podem adquirir pelo seu emprego!

Disseminar as boas doutrinas economicas, instruir o povo que não conhece os seus interesses, e despreza a riqueza onde ella está para a ir buscar onde não existe, é ainda outra optima qualidade d'esta associação. Quanto mais instruido um povo for sôbre aquillo que lhe convem mais procurará os seus interesses e mais desejará a paz. Antigamente julgava-se muito instruido um povo em que havia muitos poetas e eruditos, embora a massa da nação ignorasse todas as condições necessarias ao estabelecimento, prosperidade e consolidação da sociedade. A nossa instrucção publica ainda está n'este ponto atrazada dois seculos; em outros paizes ainda não satisfaz tambem as necessidades da epocha; mas não importa; a sua reforma é ja sentida por todos e reclamada por os mais illustres talentos de todas as nações.

A *liga*, se for bem dirigida, ha de nos dar tudo isto; porque na sua organização tudo isso se comprehende; e ja conta em si muita gente capaz de trabalhar n'este bom sentido, e dedicar todos os esforços a collocar a nação a par das mais adiantadas no regimen economico. Todos sabem os bons resultados produzidos em toda a parte pelo elemento de associação; e ésta pro-

Como se ve pois, a Africa não offerece ás sociedades humanas senão uma terra de todas a mais ingrata. Nenhuma das condições cuja influencia feliz estimula o desenvolvimento da intelligencia e da industria alli se acha activa e poderosa, e so debaixo da oppressão das mais adversas conjuncturas é que as raças que a habitam ia conseguem podêr subsistir. Não ha n'este caso para que nos admiremos de que ellas vegetem ainda na ignorancia e barbaria.

(Continúa.) *H. Passy.*

EXPERIENCIAS SUBMARINAS.

711 Os esforços e diligencias que hoje se fazem para conseguir a facilidade de executar trabalhos debaixo da agua, nos rios e nos mares, tem dado occasião a muitas invenções de differentes sinos d'immersão e bateis submarinos, de que a REVISTA ja tem dado noticia. O homem infatigavel em conhecer e dominar tudo que o cerca, não satisfeito d'explorar as intranhas da terra, quer voar aos ares e penetrar nas aguas. Eu creio que ainda ares e agua, lhe serão algum dia subjeitos e explorados como a terra. Ultimamente fez se no Sena, em Pariz, uma experiencia curiosa. Um homem todo vestido de cautchuc, (borracha) hermeticamente fechado, com um tubo que lhe partia do alto da cabeça até acima d'agua para obter ar respiravel, pôde estar assim vestido por muito tempo no fundo do rio.

MEDICINA.

POMADA DEPILATORIA CONTRA A TINHA.

712 MM. Boettger e Martens recommendam a seguinte preparação como o melhor depilatorio que se póde empregar no tractamento da tinha. Faz-se absorver, até á saturação, o gaz acido hydrosulfurico por uma massa composta de duas partes de cal sêcca desfeita e trez partes d'agua. Fica uma massa farinhenta de cor azul esverdinhada, com que se faz a untura, deixando uma certa grossura por espaço de tres minutos sôbre a parte untada. Depois corre-se por cima um pente fino, um panno, ou uma escova, o cabello cahe todo sem que a epiderma soffra coisa nenhuma, nem se sintam dores. Faz-se por fim uma lavagem com agua.

rectores. Faremos uma citação para dar idea da gravidade do mal e da impressão que elle produz nos povos.

Depois de haver fallado das devastações feitas pelos animaes hervivoros, diz o auctor (pag. 510, vol. II) «O anno de 1769 foi um anno de fome: os animaes ruminantes pereceram em grande número, e os tigres esfaimadas lançaram-se sobre a cidade de Bewhopoor (districto de Goruchpoor) Em poucos dias, devoraram éstas feras quatrocentos dos seus habitantes; todos os mais fugiram espavoridos e por muitos annos ficou a cidade despovoada. Hoje em dia, os tigres destruem ainda sette ou oito pessoas e obra de duzentas a cincoenta cabeças de gado por anno.

Depois da chegada dos inglezes o número dos tigres tem sido reduzido a um decimo do que era d'antes. As vantagens d'esta redução são contestadas. Alguns dos indios affirmam que favorecendo-se a multiplicação dos gamos estes lhes fazem mais mal do que bem; outros dizem, pelo contrário, que muito se tem ganho em segurança pessoal e dos gados, sem que as destruições dos gamos se tenham tornado mais prejudiciaes do que eram anteriormente.»

PARTE LITTERARIA.

DA ANTIGA POESIA PORTUGUEZA. *

CANTIGAS OU CANÇÕES DE EGAS MONIZ-COELHO.

713 D. Violante, segundo as tradições da poesia e do romance, foi um d'aquelles prodigios de belleza e de graças, que adoravam os trovadores antigos, de quem faziam o seu idolo, a sua vida, o seu deus. Egas, primo do outro Egas o aio fiel de D. Affonso Henriques, tinha consagrado a Violante a sua alma, a sua espada e o seu alaude, com a religiosa e cega devoção de um cavalleiro e de um trovador. Elle primo do outro Egas Moniz, o aio fiel de D. Affonso Henriques, ella dama da rainha, deviam de ser eguaes em nobreza, e parece que o seriam nos outros dotes accidentaes de corpo e estado. Mas, ou os rendimentos do poeta somente eram acceitos por vaidade, ou as affeições da nobre donzella foram violentadas por maior poder que o de sua paixão — se a tinha.

Como quer que fosse, Egas Moniz ignorava, mas presentia o seu destino, quando ao sahir da côrte de Guimarães para as bandas do Mondego, se despedia de Violante na sentida canção que é a primeira das duas que nos pretendem haver conservado — Deus sabe como — os nossos antiquarios.

O presentimento cumpriu-se: porque ou ella se esqueceu do pobre Egas ausente e se agradou de um guapo castelhano, que andava na côrte e que viera, dizem, com a rainha, ou lh'o deram por marido sem consultar o seu coração, e a fraca donzella cedeu.

De um modo ou de outro, o trovador foi abandonado; e poeta *consciencioso* e fiel aos seus, tantas vezes *trovados* juramentos, assentou de morrer devéras despedindo-se da sua 'cruel e doce iniga' em uma lastimada canção, que realmente tem muitas e sinceras bellezas, assim ella seja tam genuina como eu desejo, e a severa crítica duvida.

A obra posthuma do nosso poeta, fez mais impressão do que as que tinham apparecido em sua vida. Violante atormentada de remorsos e de saudades, não quiz sobreviver a tanto amor, invenenou-se.

Aqui está o que nos contam de Egas Moniz Coelho e da sua Violante, os escriptores que o

* Vejam-se os números 453 — 465 — 479 — 488 — 499: vol. V d'este jornal.

numeram entre os nossos primeiros poetas. Serão comeffeito d'elle éstas duas canções, que Miguel Leitão, Faria-e-Souza e A. Ribeiro-dos-Sanctos, não sei porquê, chamam cartas, e piedosamente crem que foram achadas no castello de Arouce (Louzan) quando o tomaram dos mouros? Ou serão ellas tanto de Egas Moniz como eram de Medea ou de Penelope, as que em seu nome escrevia Ovidio a Jason e a Ulysses?

Não sei: ha pensamentos verdadeiramente antigos, mais legitimamente antigos que as mesmas palavras, em que se conhece affectação ás vezes. Póde ser porém, e não era o primeiro exemplo de piedosa fraude philologica — póde ser que o fanatismo dos archeologos receiasse dar na singelleza em que o achou o texto d'estas trovas ou porque no original assim eram, ou porque nas copias se tivessem ido vulgarizando, e para confundir a impiedade dos scepticos, lhes introduzisse palavras obsoletas, arcahismos improprios e talvez anachronicos so por dar o que suppozeram maior ar de vetustade ao seu achado.

O pensamento e contextura decerto não desdizem do seculo XII a que são attribuidas.

O meu texto é correcto á vista, e pela confrontação das tres licções que temos; e creio que muito melhorado de qualquer d'ellas por mais racional pontuação e mais logica.

A traducção em vulgar facilitará a intelligencia prompta do sentido: o que os glossarios nem sempre conseguem.

V. Mig. Leitão de Andrada *Miscelan.*, dialogo XVI; Faria-e-Sousa, *Europ.*, tom. III p. IV c. IX; A. R. dos Sanctos Ms. na Bibl. pub. de Lisboa.

A VIOLANTE,

Primeira canção.

(Texto antigo.)

Fincaredes bos embora
Taom coitada, [1]
Que ei boi-me por hi fóra
De longada. [2]

Bai-se o bulto do mei [3] corpo
Mas ei [4] nom
Que ós [5] çocos [6] bos finca morto
O coraçom.

Se pensades que vom, [7]
Nom no pensedes;
Que chantados [8] embos estom [9]
E nom me bedes.

Mei jazido [10] e mei amar
Em bos se acara; [11]
Grenhas tendes de espelhar
Lúzia face.

Non farom estes meis olhos
Tal abesso [12]
Que esgravizem [13] os meis dolos [14]
Da compêço: [15]

Mas se ei for para Mondego,
Pois la vom,
Carulhas [16] me fagam cego;
Como ei som.

1 A quem tanta coita faço, tanto chóro. — 2 De longa viagem; *phrase ainda não obsoleta.* — 3 Meu. — 4 Eu. — 5 Aos. — 6 Çapatos, borseguins — *por pés.* — 7 Vou. — 8 Pôsto, dregado. — 9 Estou. — 10 Estada, ser, assento, posição. —

A VIOLANTE,

Primeira canção.

(Em vulgar.)

Ficae vós em boa hora
Tam chorada,
Que eu vou-me por ahi fóra
De longada.

Vai-se o vulto do meu corpo,
Mas eu não,
Que aos pés vos fica morto
O coração.

E, se pensais que eu vou,
Não no pensedes;
Que unido com vosco estou
E não me vedes.

Em vós meu ser, meu amar,
Que de vós nasce;
Tranças tendes de espelhar,
Lucida face.

Não quero os olhos voltar
Tam d'avesso
Que os meus males va contar
Do comêço:

Mas se eu for para Mondego,
Como vou,
Carochas me façam cego
[Que ja o sou!]

11 Une, fixa, *ou melhor*, revê. — 12 Coisa tam avêssa, errada. — 13 Esmiucem, contem um a um. — 14 Pezares, males. — 15 Do comêço, do principio. — 16 Carochas, bichos maus. —

Se das penas do amorio [17]
Que ei retouço [18]
Me figerem tornar frio,
Como ei ouço. [19]

Amademe, se queredes,
Como lusco; [20]
Se nó, torvo [21] me acharedes
A [22] muy fusco.

Se me bos a mi leixardes...
Deis [23] me garde!
Non as meis [24] bos de queimardes
Isto que arde!

Ora nom deixedes nom,
Ca sois garrida! [25]
A sa não [26], cristelejon
Per inha [27] bida.

A VIOLANTE.

Segunda canção.

(Texto antigo.)

Bem satisfeita fincades [1]
Corpo d'oiro:
Alegrade a quem amades,
Que ei ja moiro. [2]

Ei bos rogo bos lembredes
Que bos quige, [3]
A [4] que dolos nom abedes
Que ei bos fige. [5]

Cambades [6] a Pertigal
Por Castilla.
Abasmades o mei [7] mal...
Que dor me filha! [8]

Granhais-me [9] por castijanos...
Pestineque! [10]
Achantais-me [11] binte enganos
Que ei me seque! [12]

Bedes moiro, bedes moiro,
Biolante!
Longe va o sestro [13] agoiro
Por diante!

17 Penas d'amor. — 18 Com que lido, em que me revolvo. — 19 Como te oiço, como pareces receiar. — 20 Assim com pouca vista, meio cego. — 21 Cego de todo. — 22 E. — 23 Deus. — 24 Tratteis, facais diligencia, impenheis. — 25 Bonita. — 26 E se não. — 27 Minha.

Se n'estas penas d'amor
Com que lido,
Como dizeis, esfriar
O meu sentido.

Amae-me assim, se quereis,
D'este modo;
Senão peior me achareis,
Cego de todo.

Se me vós a mim deixardes...
Deus me guarde!
Que fareis vós em queimardes
O que ja arde?

Ora não me deixeis não,
Que sois garrida!..
E se não kirieleisão
Por minha vida.

A VIOLANTE.

Segundo canção.

(Em vulgar)

Bem satisfeita ficais,
Corpo de oiro:
Alegrae a quem amais
Que eu ja moiro.

Mas peço que vos lembreis
Que vos quiz,
E que penas não haveis
Que vos eu fiz.

Trocastes a Portugal
Por Castella,
E levais-me alma — inda mal!
Que dor hei n'ella!

Deixais-me por Castelhanos...
Negra sorte!
E teceis-me mil inganos
Por me dar morte.

Vêdes moiro, vêdes moiro,
Violante!
Longe va o sestro agoiro
Por diante.

1 Ficais. — 2 Morro. — 3 Quiz. — 4 E. — 5 Fiz. — 6 Trocais. — 7 Confundis, desprezais. — 8 Toma. — 9 Deixais-me. — 10 *Interjeição decerto, e não nome proprio como imaginou A. R. dos Sanctos. Talvez*: Peste os mate! Peste n'elles! — 11 Pregais-me. — 12 Sêco, morto seja eu! — 13 Sinistro.

Bos bibede hũ centanairo [14]
Mui garrioso [15]
Qu'ei me bou para trintairo [16]
Lagrimoso.

A, se a bossa emembrança [17]
Ei bier
Dizei: 'Egas, tem folgança!' [18]
Hum xiquer. [19]

A, se ouvirdes na mortulha [20]
Os campaneiros [21]
Retouçade [22] na mormulha [23]
Os meis marteiros. [24]

Quando ouvirdes papear
O castejom, [25]
Membrebos [26] lhe fige dar
Ja de cotom. [27]

A, que bos quige e requije
Como ber!..
A nunca em coisa bos fige
Desprazer!

Nom bos podo mais fallar
Qua [28] me fallejo [29]
Ca [30] bem podedes asmar
Qual ei sejo: [31]

Tenho todo o arcaboiço [32]
Sem feison, [33]
Mas is bos bejo e oyço
No coraçom.

Bedes, me boy descaindo
Nesta hora...
Bos, amor, fincade rindo
Muito embora!

Vós vivei um centenario
Mui ditoso,
Que eu me vou para o trantario
Lagrimoso

Se um dia á vossa lembrança
Eu viver,
Dizei: 'Egas, tem folgança!'
Dizei siquer.

Quando ao meu interramento
Se tocar,
Revolvei no pensamento
O meu penar;

E quando esse castelhano
Basofiar,
Lembrae-vos que desingano
Lhe fiz ja dar.

Ah! que vos quiz e requiz
Como o ver!..
E em coisa alguma vos fiz
Desprazer!

Não vos posso mais fallar
Bem me fino...
Bem podeis imaginar
Qual sou mofino.

Tenho todo o arcaboiço
Sem feição,
Mas inda vos vejo e oiço
No coração.

Vêde, ja vou descahindo
N'esta hora...
Vós, amor, ficae-vos rindo
Muito embora!

A. G.

14 Cento d'annos. — 15 Garrido, feliz. — 16 Trintario, os trinta dias de preces pelos mortos. — 17 Lembrança. — 18 Sê feliz. — 19 Siquer ao menos. — 20 Mortuario, enterramento. — 21 Campanarios. — 22 Revolvei. — 23 Memoria. — 24 Martyrios. — 25 Castelhano. — 26 Lembre-vos. — 27 Com o coto ou conto da lança *talvez*. Com o coto, com a mão, bofetão *póde ser*. — 28 Aqui, ca. — 29 Falleço. — 30 Que, porque. — 31 Seja. — 32 Corpo. — 33 Sem facção, sem vida.

ROMANCES.

O DESCUBRIMENTO DA ILHA DA MADEIRA.

II

714 Morales levou mais de uma semana a compor e copiar um memorial circumstanciado; depois do que dirigiu-se com elle ao palacio de Terça-nabal, habitação do infante D. Henrique, e disse que desejava fallar a Sua Mercê.

— É impossivel, respondeu o tenente dos ginetes que estava de serviço; o Sr. infante, infastiado pela multidão de requerentes, decidiu não fallar a nenhum.

— Nem ao menos se lhe poderá entregar um memorial.

— Não, pois declarou formalmente que não os recebia. Sua Mercê está algum tanto incommodado, e os medicos dizem que é em consequencia dos trabalhos e estudos a que se dedica, e prescreveram-lhe um absoluto socego.

— Então a quem é que me devo dirigir?

— A elrei D. João I, no seu palacio de Lisboa.

Morales affastou-se tristemente e veio dar parte d'este contratempo a sua mulher.

— De boa vontade iria a Lisboa; mas fica la tão longe, e falta-me o dinheiro para a tal viajata. Esperarei — irei todos os dias informar-me da saude do infante; conservar-me-hei juncto das portas do palacio, como um caçador que espera a sua prea, e em quanto não fallar a Sua Mercê continuarei a exercer o meu mister de piloto da barra.

Inteiramente firme n'este plano, Morales empregou-se pelo espaço de dois mezes em servir de piloto aos navios que entravam no porto, ou que navegavam ao longo da costa; e á noite ia saber como passava o infante, que parecia não querer nunca melhorar. Os guardas e os criados tinham-se familiarisado com o infatigavel sollicitador. Apezar d'elle não lhes haver revelado o seu segredo, tinha-lhes comtudo fallado vagamente d'uma terra que havia para descubrir, e como elle descrevesse com emphasi os bosques magnificos que a bordavam, haviam-no alcunhado *d'homem da madeira*.

Morales começava a perder as esperanças quando um dia logo de manhanzinha, quando se estava alevantando da cama, ouviu sua filha dizer a alguem que parecia procural-o:

— Sim, senhor, é aqui que móra; mas não tem o tractamento que lhe daes. Não se chama como dissestes, D. João de Morales, mas simplesmente João Morales, piloto da costa do Algarve.

— Seja qual fôr a sua condição, Senhora, redarguiu o desconhecido, é um homem de merecimento, honrado com a estima do senhor infante, em nome do qual é que eu aqui venho.

— Sejais muito bem vindo, meu Senhor! exclamou o piloto, correndo meio vestido. Deus proteja o infante D. Henrique, e o recompense de se haver finalmente lembrado d'este pobre diabo. Brites, gritou elle para sua mulher, desenrolha uma garrafa de vinho d'aquelle do João Pedro, e deita uma mão-cheia de cevada ao cavallo alli do fidalgo. Com que então, continuou elle dirigindo se ao desconhecido, o Sr. infante está ja restabelecido, e disposto para receber ca a pessoa. Vamos la, fallai.

— Desgraçadamente ainda não; antes de vos conceder a audiencia que pretendeis, deseja ter alguns esclarecimentos relativos ao que lhe pedís, e incarregou-me de me informar sôbre o objecto do vosso requerimento.

— Nada ha mais facil, meu Senhor, vou immediatamente intregar-vo-l'o, isto é, se quereis ter a bondade de o levar...

— É essa a minha missão, entregai-me o vosso memorial, e hoje mesmo farei que seja examinado por D. Henrique.

— Será possivel! exclamou o piloto.

— É tal e qual como vos digo, e dentro em tres dias eu mesmo vos trarei a resposta.

— Dentro em tres dias!.. ouviste Brites!.. Dentro em tres dias o infante conhecerá os meus projectos; para os levar a effeito hade dar-me um navio: partirei com o titulo de capitão; tomarei conta da ilha em nome do nosso rei D. João I, e quando voltar cobrir-me-hão de honras e de riquezas. Ó senhor, vós sois o meu anjo da guarda.

— Nenhum agradecimento me deveis, retorquiu tranquillamente o desconhecido, não faço mais do que obedecer ás ordens do infante meu senhor. Onde está o vosso memorial?

— Eil-o aqui.

— Revistaste-o completamente?

— Sei-o todo de cór.

— E não tendes mais nada a ajunctar-lhe?

— Creio que não, mas se fôr da vossa vontade revistal-o-hemos junctos.

— É innutil; o senhor infante incarregou-me unicamente de indagar de vós algumas informações succintas — e é somente a elle que compete penetrar os vossos segredos. So elle é que tem o direito de quebrar o sello que fecha o vosso memorial. Adeus Senhor Morales, tornar-me-heis a ver d'aqui a tres dias.

O cavalheiro affastou-se rapidamente, deixando Morales pulando de contente, assim como toda a sua familia; porém com bastante admiração d'elles o mensageiro de D. Henrique não appareceu no fim do prazo marcado dos tres dias.

— O infante, disse Morales, sem duvida não tem tido tempo de examinar as minhas garatujas, mas não importa esperaremos: estou costumado a ter paciencia.

Uma semana inteira passou sem que o desconhecido voltasse.

— É preciso, disse Brites, ires procural-o a palacio.

— Não ha dúvida que assim devo fazer; porém ha uma pequena difficuldade; eu estava tão atarantado quando elle ca veio, que me esqueceu inteiramente de lhe perguntar o seu nome.

— Ora isso parece me a mim que é muito facil de remediar, porque decerto hade ser por ahi bem conhecido; e julgo que bastará que tu apontes todos os seus signaes e que narres tudo o que se ha passado, para logo te dizerem o seu nome.

Morales correu immediatamente a Terça-nabal. A pouca distancia de caminho do palacio ouviu uma grita extraordinaria, os sons festivos dos sinos da egreja matriz de Sagres e milhares de tiros de arcabuzes, e soube que era elrei D. João I, assim como sua real esposa D. Philippa, duqueza de Lencastre, que vinham de Lisboa a visitar o infante D. Henrique, e se dirigiam para o seu palacio, acampanhados por um sequito numeroso e uma grande escolta de ginetes e arcabuzeiros.

O piloto furou atravez do povareo, que de toda a parte se junctava para ver o cortejo; e procurou ver se conhecia o homem que desejava encontrar, o que finalmente conseguiu pois ia ao lado d'elrei, montado n'um soberbo cavallo.

— Como se chama aquelle cavalleiro que vai á esquerda do nosso rei, que tem o elmo adornado de plumas vermelhas e que leva a cruz de Christo no peito? perguntou elle a um dos circumstantes.

— Aquelle que alli vai?.. Chama-se Nuno Alcoforado, e ha pouco tempo que foi admittido na côrte. Dizem que serviu como segundo commandante de uma galé na expedição de Ceuta, e parece que ha tempos a ésta parte goza de toda a privança do Senhor infante, e o que é mais para admirar, é que ninguem sabe a razão d'isso.

Morales não teve tempo para perguntar mais nada; o cortejo passára e o povoareo agglomerado para ver

passar o rei, corria todo em chusma para os pateos do palacio do infante. Levado pela multidão, o piloto, achou-se, quasi sem querer, entre os guardas, e vendo que Nuno Alcoforado desmontava do seu ginete, lhe travou d'um braço exclamando:

— E o meu requerimento, senhor.

Nuno voltou-se bruscamente e o seu rosto cobriu-se de extraordinaria palidez, que o piloto julgou ser effeito da colera.

— Perdoai-me, continuou elle, se por este modo vos incommodo, porém havieis-me promettido voltar com a resposta no fim de tres dias, e não mais vos tornei a ver.

— Comtudo não me esqueci de vós, respondeu Nuno, tornando a si da sua estupefacção: o Sr. infante ja examinou o vosso memorial e ficai certo, que antes do toque das trindades tereis fallado a D. Henrique.

— Porém que é mister que eu faça?.. O povo segundo o uso será admittido nas salas a horas do banquete. Aguardarei este ensejo, ou deverei seguir-vos em continente?

— Acompanhai-me, disse Nuno, como se fosse tomado de subita resolução.

E ambos depois de subirem alguns degraus de uma bella escada, seguiram por um longo corredor até entrar n'um aposento de que Nuno tinha a chave.

— Aqui está o meu aposento em palacio, entrai até que eu ache azo de vos conduzir á presença de Sua Mercê. Achareis na minha bibliotheca alguns manuscriptos curiosos, com que vos podeis ir entretendo, e que vos farão passar mais veloz o tempo que por mim esperardes.

— Bastante penhorado me confesso eu certamente por haverdes empregado o vosso credito a meu respeito.

— Nada mais fiz do que cumprir o meu dever. Ja que alguns pequenos serviços prestados á minha patria me adquiriram a privança do Senhor infante dever é meu, sem duvida, o de pugnar por qualquer projecto que util venha a ser a Portugal. Deixo-vos, Sr. Morales. Sem duvida haveis de estar fatigado e talvez em jejum, e se vos apraz ordenarei que vos tragam alguma cousa para comerdes.

— De muito bom grado acceito essa graça, e ainda que se me torna algum tanto desagradavel comer a sos beberei uma vez de vinho pela saude do nosso infante, o que talvez faça passar mais rapido o tempo que tenho a esperar.

Nuno Alcaforado sahiu, e dirigiu-se ás estribarias do palacio onde encontrou o seu escravo desarreiando o ginete. Era este homem um arabe que lhe houvera tocado em partilha depois da tomada de Ceuta.

— Assan, lhe disse elle, haverás a tua liberdade e 200 piastras fortes se cumprires as minhas ordens.

O arabe soltou um grito de contentamento.

— Ha n'esta hora nos meus aposentos um peão que hei mister que morra.

— Senhor, dai-me a vossa espada e elle morrerá.

— Não: d'esse modo os seus gritos se ouviriam, o seu cadaver teria visos de violencia, e preciso que attribuam a sua morte a um desastrado acaso. Pertendo ver-me livre d'elle sem risco e sem bulha. Escuta: procura o copeiro do paço e dize-lhe da minha parte que preciso para os meus aposentos manjares e uma botelha de vinho. Encarrega-te de tudo, e antes de entrares no quarto lança no vinho todo o liquido que este pequeno vidro contém; é um narcotico poderoso a que decerto não hade resistir. Passado uma hora, durante a qual apparecerás em todos os logares onde costumas para não causares suspeitas, voltarás ao mesmo local, agarrarás n'esse homem que deve dormir profundamente e o lançarás pela janella que deita sobre os fossos.

— E jurais Senhor, que me dareis a liberdade?

— Eu t'o juro por esta cruz de Christo que trago ao peito. Amanhan ao romper d'alva a caravella de que ora ja sou commandante far-se-ha de aballada para uma ilha juncto das costas d'Africa. Quando me aproximar de Tunes metter-te-has no varinel e ahi apportarás. Com a somma que houveres recebido facil te será voltares á tua patria.

— Senhor, disse Assan, tractado me haveis sempre com distincção. Ides restituir-me ao meu paiz, e pedis-me unicamente em recompensa a morte de um christão. Prometto-vos que antes de haver decorrido uma hora esse homem não entrará ja no numero dos vivos.

— Conta com o cumprimento da minha palavra, assim como eu conto com a tua.

E Nuno Alcaforado separou-se vivamente do escravo.

(Continúa.) *T. Oom Junior.*

POESIA.

O ABANDONO.

715 Em anhellos seu peito anciava,
Os seus olhos diziam ardor,
Sua dextra ésta dextra apertava,
Os seus labios diziam-me amor.

Sua boca pudica dizia
Que o afan de su'alma era eu,
Que seu cor pelo meu so batia,
So batia e arfava co' o meu.

Brandos mimos fagueira doçura,
Eu gozei so co'a ver juncto a mi',
Com paixão, delirio e ternura,
Um celeste seu beijo senti.

E por troca outro osculo ardente
Em seus labios de virgem estampei,
E apoz esse dei mil, e demente
Em meus braços seu corpo estreitei.

D'ella juncto que vezes sentado
Com enlevo e paixão dei um ai!
Da levesa do tempo admirado
Disse aos annos, aos seculos — voai!

Mas do mundo são breves as ditas
Transitoria a fortuna e o prazer,
E no calix de amor vem desditas
Que mau grado hãode todos sorver.

E seus olhos os meus evitaram,
Fementido o seu peito anciou,
Suas fallas so odio mostraram,
Nem seu cor pelo meu palpitou.

E esse amor que me tanto incendia,
Essa virgem, que eu tanto adorei,
Tudo, tudo ai! perdi n'um so dia;
Que me resta? Morrer saberei.

Casa de Santa Eulalia, em junho de 1846. *L. Ribeiro.*

BELLAS-ARTES.

A ESCHOLA D'ARCHITECTURA DO GREMIO-LITTERARIO.

116 Entre os muitos e diversos simptomas porque melhor se podem conhecer, e avaliar, os progressos feitos por um povo na sua civilização, deve ser considerado em primeira linha de conta o desenvolvimento que n'elle tomam os conhecimentos e o amor ás bellas-artes; d'ahi se conclue, não so que o gôsto do *bello* se vai apurando, mas tambem que as producções artisticas são mais apreciadas, por isso mesmo que vão sendo mais conhecidas.

Insufficiente seria todo o apoio e protecção do governo para conseguir tão brilhante resultado sem uma efficaz coadjuvação dos particulares para que seja proficuo esse pensamento civilizador: sem a combinação d'uma e outra coisa será nullo o progresso, e inuteis quantos sacrificios para elle se fizerem; é ella indispensavel para todos os actos tendentes á prosperidade do paiz. É por se haver amplamente reconhecido a necessidade de que a parte illustrada da nação contribua para a marcha do progresso, que em todos os paizes mais cultos, como a França, a Allemanha, e a Inglaterra, ha um número immenso de sociedades litterarias, scientificas, e de bellas-artes, cujo fim exclusivo é derramar as luzes, e accelerar o desenvolvimento de todos os diversos ramos de tão importantes conhecimentos. Por mais de uma vez se tem querido seguir entre nós tão nobre como proveitoso exemplo, mas tem-se desgraçadamente mallogrado todos os esforços que em tal sentido se teem praticado, e curta ha sido a duração de similhantes empresas: se a causa d'isso deve ser attribuida a defeito da sua propria organização, ou, a mal entendidas, funestas, e fataes rivalidades que se-hão esforçado por destruir aquillo mesmo que deveriam proteger, ou a um genio malfazejo que parece comprazer-se em estorvar todos os melhoramentos da nossa patria, é questão em que não entraremos, contentando-nos meramente em apontar um facto de que ninguem, por desgraça póde duvidar.

Temos felizmente agora entre nós uma nova sociedade em que ja por mais de uma vez havemos fallado com toda a attenção que merece; *é o Gremio-litterario*, que em si concentra todos os elementos precisos nos diversos generos para repararmos o tempo perdido, e o atrazo em que n'essa parte havemos ficado das outras nações: temos a firme convicção de que assim acontecerá não so pelo saber e zêlo de seus dignos socios, como tambem pelas acertadas disposições dos estatutos porque se rege: d'isto mesmo, e dos serviços que tem de prestar ao paiz, temos ja hoje uma prova na creação que acaba de emprehender, no seu novo e magnifico local, de um curso de Architectura Civil, theoria e pratica, completo em todos os conhecimentos essenciaes para ésta profissão, sem cujo complexo não poderiam de modo algum ficar os discipulos habilitados para exerce-la. Confessâmos, com uma especie de orgulho nacional, que nem vimos nunca na nossa terra, nem nos consta que exista fóra d'ella, um curso com as bases d'este, e com a generosa lembrança de premiar os discipulos que mais se distinguirem, mandando-os aperfeiçoar em reinos extrangeiros com a propria e diminuta retribuição, de *todos elles* pelo espaço de dois annos, o que continuará a effectuar-se tão depressa findem os tres primeiros annos do referido curso.

Nas salas da eschola vimos desenhos em grande escala dos differentes ramos de construcção, delineados pelo distincto e benemerito professor, o Sr. J. P. N. da Silva os quaes estiveram publicos, na academia das Bellas Artes de Paris, merecendo-nos mais particular attenção os de ferro, pouco usados entre nós: alli vimos tambem modêlos em vulto de *Steorotomia* talhados pelo mesmo habil architecto; e não podia ser mais variada nem mais acertada a escolha que fez das antiguidades e edificios da Italia, accrescendo a ésta particularidade a de haverem sido quasi todos medidos pelo mesmo professor.

Oxalá que em resultado de seus tão louvaveis esforços obtenha o Sr. Silva dar-nos uma architectura mais apropriada aos nossos usos, e nos liberte assim da cópia servil da architectura grega e romana, cujo mal não seria ainda tão grande se fosse tão perfeita quanto era no tempo de Pericles e Augusto; oxalá tornamos a repetir, que alcancemos assim uma architectura mais nacional, tomando para base da que por ventura venha a adoptar-se a architectura *Manuelina*, que modificada terá sempre o merecimento de pertencer a um estylo e typo nossos, muito mais recente do que a grega e romana, que nenhuma analogia teem com os nossos usos.

Julgamos fazer um verdadeiro serviço ao publico recommendando-lhe ésta nova eschola, e aconselhamos a todos os mancebos que para tal ramo dos conhecimentos humanos se sentirem com decidida vocação, a aproveitarem-se de um ensino professado de um modo tão honroso tão util e tão philosophico. No Sr. J. P. N. da Silva concorrem todos os dotes necessarios para o bom desempenho do importante projecto que concebeu; honrado ultimamente com o diploma de socio correspondente da sociedade de archeologia de Madrid, ja se vê que é o Sr. Silva homem de reconhecido merecimento dentro e fóra da patria, e felizes os que se aproveitarem do seu philantropico pensamento. ***

ESPECTACULOS.

THEATRO-NACIONAL — CONCERTO DO SR. ROSSI.

117 Foi uma bella noite a de 21 do corrente no Theatro-Nacional. Nos intervallos do drama, o Sr. Rossi tocou na sua rebeca tres peças de sua composição, uma *phantazia* sôbre motivos do Hernani, uma *polacca* original, e um *capricho* variado sôbre motivos da Lucrecia-Borgia.

Eu não estou habilitado para fazer comparações. Não sei se o Sr. Rossi tem a execução de Viotti, o grandioso de Tartini, a graça de Baillot, a fôrça de Paganini; sei porém, e commigo o sabem todos os que teem tido occasião de o escutar, que é um *genio*, ad-

miravel, absolutamente fallando, muito mais admiravel ainda em relação á sua juvenil idade de 20 annos. Póde louvar se no Sr. Rossi a pureza das vibrações, a novidade de muitos *passos*, a delicadeza e fôrça de manejar o arco, ou seja extrahindo muitos sons com uma so arcada, ou seja tirando rapidamente uma nota de cada arcada, ou ainda produzindo uma serie de sons ora ligados ou picados, ou emfim no *staccato*; mas eu deixarei todos esses louvores de difficuldades mecanicas, para não mencionar senão uma so qualidade do Sr. Rossi, qualidade porém que vence todas as outras porque é aquella que faz o verdadeiro artista, aquella porque um artista, so é grande, porque elle so merece o nome de *genio* — a *expressão*. Dizia o rei dos rebequistas, o celebre Paganini: '*Bisogna forte sentire per fare sentire.*' O Sr. Rossi está n'este caso; sente muito porque faz sentir. '*Le violon c'est ma vie*,' costuma dizer o joven artista, como se dissera: a minha alma está na minha rebeca. Mas ainda que elle o não dissesse, nós o sentimos todos os que o escutâmos: os sons da sua rebeca attrahem-nos para elle, prendem-nos os sentidos como nos enlevam a alma...

Applaudido enthusiasticamente pelo numeroso e escolhido auditorio que o ouvia, coberto de poesias, coroado, e tendo uma de suas peças merecido a honra do bis, o que não sabemos que entre nós se praticasse nunca com nenhum outro instrumentista, o Sr. Rossi deve ter a lisongeira convicção de que alcançou um triumpho entre um publico intelligente e illustrado, que tem ouvido excellentes tocadores e que sabe reconhecer devidamente o merito de todos, porque é intendedor como é justo.

O espaço não me permitte hoje ser mais longo como quizera n'este agradavel assumpto.

VARIEDADES.

CASTELLO DE CINTRA.

718 O vetusto castello, situado na serra de Cintra, foi, segundo alguns pertendem, edificado pelos turdulos no anno do mundo 3382; os quaes occupavam então a costa maritima desde o promontorio da *lua*, ou cabo de Cascaes, até as entradas do Douro, e reedificado pelos mouros no de Christo 713, depois da fatal batalha juncto a Xerez de Guadalete, na Andaluzia. O oitavo seculo, foi tão memoravel, como fatal ás nossas Hispanhas. As luas mouriscas, com funestos eclipses, as cobriram de espessas trevas. Nos tumultos do horror sepultaram os agarenos as glórias do valor godo; e não perdoando o estrago á religião, foram convertidos os templos em mesquitas. Elrei D. Affonso VI de Leão e Castella, subjeitou o castello de Cintra, o qual se tornou a perder, e o reconquistou o conde D. Henrique, pelos annos de 1109, e depois foi restaurado totalmente por elrei D. Affonso Henriques, em 1147. D. Sancho I, o *Povoador*, e o predestinado para sanear os males de tantas guerras e cruezas, reformou o castello, ou por causa da ruina acontecida na sua tomada, em 1147, ou por effeito de algum outro successo, como consta da carta, passada ao anadel e besteiros do couto de Cintra, a qual confirmou depois aos 10 d'agosto de 1336, elrei D. Affonso IV. (1). Elrei D. Fernando I, não foi tão enleado em seus amores, que não cuidasse na seguridade dos seus povos, protegendo os com boas leis, e fortificações; não se esqueceu do castello de Cintra, e outros. No anno de 1383 estava este castello bem fortificado e defensavel; porque D. Nuno Alvares Pereira, o teve assediado por parte de D. João, mestre da Ordem de Aviz, com 300 homens de lança e pavez, á vista do seu governador, D. Henriques Manuel de Vilhena, conde de Cea e de Cintra, que no mesmo castello se fechou, e o tinha por parte da rainha D. Leonor, ja n'esse tempo viuva d'elrei D. Fernando I. D'alli se retirou D. Nuno Alveres, tendo feito muito estrago e uma prêsa importante em gados, nos logares circumvizinhos. (2) Desde o XIV seculo, até nossos dias, existiu em total abandono este honrado veterano, que em paz, e na solidão subsistiu sem dar pensão a alguem. Contente d'aquell remanso d'onde se descortina o deleitoso paiz que outr'ora deffendeu, e ao qual ainda se gloría de pertencer.

Para o visitador instruido, nada alli se nota que não tenha alguma significação. Ainda que crestado por tantos soes, alli se está descançado em sua rigida base, ja não temido, que esse attributo se lhe foi escoado com os annos da juventude, veneravel todavia pela ancianidade, e prolongada vida de memoraveis successos. A uma epocha de decadencia succede muitas vezes outra epocha de restauração, apparecendo um genio bemfazejo que lhe paralysa o impeto; e isto vimos verificado no anno de 1842; porque o Senhor D. Fernando II tomou o castello de aforamento á camara da Villa de Cintra, pela quantia annual de 240 (3), e o mandou reedificar (pelo Sr. barão de Eschwege) em suas antigas muralhas, torres, reductos etc., fazendo-lhe espaçosas ruas, bem lançadas, e bordadas de varias arvores, estereis, que so por fructo darão sombra aos que passearem debaixo d'ellas. Quando se deu principio a abrir as novas ruas, foram apparecendo algumas sepulturas, com ossos humanos, algumas moedas, d'elrei D. Affonso IV, D. Fernando I, D. João I, e D. João II: assim como alguns ferros de espada, de lança, de machado, e de acicate; algumas chapas de metal, com characteres; (4) e uma imagem de Nossa Senhora feita em marfim; (5) porém não se tem alli achado (até hoje) cimitaras, meias-luas etc. nem moedas arabes, como o *maravedim*, *morabitino*, *ou maravedil* (6) etc. Os sepulchros foram incontrados proximos á igreginha que está dentro da segunda muralha do castello.

Os mouros fazem seus cemiterios fóra das cidades, e escolhem para elles apprazíveis e amenos, senão alegres sitios, e nunca proximos ás suas mesquitas, nem em sitios escabrosos. Foi sempre o costume dos

(1) Veja-se na Torre do Tombo. Livro 4.° d'elrei D. Affonso IV, fl. 75.

(2) Veja-se vida de Nuno Alveres Pereira, pag. 78 e 133, pelo padre Fr. Domingos Teixeira.

(3) Este castello pertencia á corôa do reino. Veja-se na Torre do Tombo, gaveta 15, março 5. n.° 1.

(4) Veja-se o *Pantologo*, n.° 20, 1844.

(5) Pelos annos de 1448, é que vieram a Portugal da costa ao sul de Cabo Verde, os primeiros dentes de elephante.

(6) Foi moeda que introduziram no reino os mouros *Almoravides* ou *Morabitos*, que significa, *Fieis*, segundo *Idrel*.

antigos cavalleiros portuguezes mandarem assentar seus moimentos, ou sepulturas, em volta dos templos, e em seus atrios. A igreginha, arruinada, que no castello se observa, denota ter sido mesquita de mouros, e a qual D. Affonso I, logo que tomou o castello, tractou de mandar purificar, e converter em casa de oração, que dedicou ao apostollo San'Pedro. Nos annos de 1301, elrei D. Diniz, a rogos da rainha D. Isabel sua mulher, mandou edificar a igreja de San' Pedro de Canaferrim (nome hoje corrompido no de Penaferrim), para onde veio trasladada a igreja parochial que estava na referida igreginha do castello. Quem examinar miudamente as muralhas, torres, reductos etc. do castello de Cintra, o córte da pedra, a argamassa etc., e depois passa a ver as muralhas, torres, e portas antigas de Lisboa, feitas no tempo d' elrei D. Fernando I (de que foram mestres João Fernandes e Vasco Braz, pelos annos de 1373, até 1375 (7), achará que tudo tem o mesmo typo, a mesma identidade, pela sua reedificação no XIV seculo. Em vista do que deixamos exposto, como é possivel, que as sepulturas, que alli se teem encontrado, e os restos mortaes sejam de mouros? Improprio nos parece logo, que sôbre a arqueta em que se recolheram os ossos puzessem uma lapida, e n'ella esculpida uma *cruz*, latina, e sob ella uma *meia-lua*, e em seguida uma caveira no centro de dois ossos postos em fórma da vigesima segunda lettra alphabetica, com a lenda (notavel) seguinte:

O que aqui ficou juncto
Deus o separára.

O que mandava a prudencia era, que depois de recolhidos os ossos na arqueta, se collocasse uma lapida e n'ella entalhada uma caveira, no centro de dois ossos em X, com a inscripção seguinte:

O que te peço, ó mortal,
É uma oração,
Que se hoje me é necessaria,
Tambem d'ella percisarás para o diante,

Alfim muitas pessoas, de conhecimentos ainda não vulgares, tem attribuido aos mouros a construcção dos monumentos, e outros objectos antigos, cuja origem cumpre examinar, porque diz o proverbio: Não é tudo oiro o que luz.

O Abbade Castro.

CORREIO EXTRANGEIRO.

791 A iminente tragica Madamoiselle Rachel foi escripturada para dar seis representações no theatro francez de Londres. As peças em que hade entrar são: Les Horaces, Phedre, Le Cid, Bajazet, Virginie, e Jeanne d'Arc.

Um inglez por nome Stephenson acaba de obter um privilegio, em Inglaterra, para uma locomotiva que será construida sôbre um novo principio.

(7) Veja-se a inscripção do Arco do Marquez de Alegrete (Panorama, vol. 2. pag. 339.)

O Gran'duque de Bade mandou estabelecer nos seus Estados escholas agricolas para ensinar gratuitamente á gente do campo a arte de cultivar as terras. Na parte dos *Conhecimentos uteis* se dará mais ampla noticia d'esta notavel instituição.

O número total dos membros dos tribunaes, e empregados da justiça em França é de 14,872. O pessoal da instrucção publica emprega 40,000 funccionarios. Os empregados d'administração civil e municipal são 40,000. A fazenda publica emprega mais de 80,000. A policia, telegraphos, trabalhos publicos, minas, e navegação interior, occupam 4,000 agentes do governo. No extrangeiro ha 253 agentes da nação. Ha mais 40,000 eclesiasticos.

A extensão dos caminhos-de-ferro em França é hoje de 1.000 kilometros. Os carris-de-ferro em construcção representam uma extensão de obra de 3,200 kilometros. As linhas, cujas empresas estão a ponto de serem adjudicadas sobem a 1,500 kilometros. Finalmente ha algumas linhas em projecto na extensão de 600 kilometros. Completa que seja ésta rede a França terá em numeros redondos 6,300 kilometros de carris-de-ferro ou obra de 1,580 legoas.

Ha hoje em França 49,714 pessoas condecoradas com a legião d'honra. As classes a que éstas pessoas pertencem são: o exercito, lavradores, negociantes, auctoridades administrativas, artistas, litteratos. Ésta ordem foi instituida para recompensar os serviços e o merito militar e civil. O rei é o gran'mestre.

CORREIO NACIONAL.

719 O seguinte facto, ou seja filho da ignorancia ou da má fé e impostura, não deixa de ser um documento importante para mais provar quanto é necessario escolher para o exercicio da nossa religião, homens em quem junctamente concorram saber, honradez, probidade, caridade, e boa fé: n'elle se vê um d'esses escandalos religiosos que n'outro tempo eram assás frequentes, em que a illustração da epoca, parece deveria ter ja extincto completamente.

No centro d'esta cidade, ahi provimo á igreja do Desterro onde ainda conhecemos a Casa-Pia, existem na familia a quem a Providencia não prodigalizou a somma de conhecimentos que todos nós havemos mister, mas entre ella tornou-se mais notavel uma mulher que ja conta quarenta e tantos annos e que tem uma filha que deve ter uns vinte pouco mais ou menos; esta mulher n'um dia da semana finda achando-se affectada d'uma inquietação de espirito que a atormentava extremamente, e julgando dever achar alivio com os remedios espirituaes, dirigiu-se a um tal padre F. que foi frade, o qual entendeu em sua alta sabedoria que a mulher estava endemoninhada e que benzendo-a e batendo-lhe com uma immensa estola a devia reduzir ao seu estado normal! No meio de todas as vizagens propria para tal fim, declarou a mulher que em si existia o espirito de um tal F... ja defuncto ha uns trinta annos, e que era elle quem lhe dizia que debaixo dos tijolos que forram o chão de uma casa na T. do... havia em certo tempo enterrado oito contos de réis (que bello achado no mez de junho de 1846)

os quaes deviam ser desenterrados e entregues á filha d'esta infeliz pois que a ella lhe pertenciam! E com effeito no domingo (28 de junho) pelo meio dia ouvindo o dono da dita casa bater á sua porta e abrindo-a se enche de admiração vendo juncto d'ella um clerigo de estola demasiadamente comprida, uma mulher (a endemoninhada) com sua filha, uma celebre vedora, e um rapazito! e perguntando-lhe qual o objecto de tão extraordinaria visita pelo clerigo lhe foi respondido — que n'aquella mulher se achava o espirito de F... antigo dono d'aquelle predio, o qual não tendo conseguido de San'Pedro a graça de lhe abrir as portas do ceu, em consequencia de ter deixado uns oito contos de réis enterrados debaixo dos tijolos da chaminé d'aquella casa, tinha resolvido communicar este segredo áquella mulher, afim de que ella fazendo-os desenterrar fossem entregues a sua infeliz filha a quem elles ficariam pertencendo, e que em consequencia d'isso, não sendo justo que aquella alma continuasse a andar errante elle deveria consentir que se desenterrassem aquelles contos para felicidade espiritual d'um e temporal d'outro Esta duplicada fortuna não podia deixar de sensibilizar o coração do dono da casa o qual por sua parte deu entrada aos taes hospedes, e sendo logo chamado o senhorio para dar o seu consentimento á tal escavação, este concordou simplesmente com a condição de lhe tornarem a pôr tudo no estado em que o achavam (salvo os contos). Depois de tão bem recebidos começaram com effeito seus trabalhos, levantando o tijolo, escavando etc. porém como os contos não appareciam o ecclesiastico começa a prégar aos ouvidos da mulher dizendo — espirito de F... dize ja onde está o dinheiro; bem ves que se não acha onde tu indicaste; em nome de Deus te ordeno que faças ja essa declaração; lembra-te que se o não disseres nem San'Pedro te abrirá as portas do ceu, e antes pelo contrario te espancará com suas chaves, nem farás a fortuna d'aquella infeliz orfãa que nenhum amparo tem. — Estas e analogas exortações jam sendo acompanhadas de fortes açoutes dados com a estola e a nada o espirito se movia: até que sendo mais de trez horas, e estando o dono da casa ja farto de tanta gritaria, pancada, declamações etc. etc., sem terem produzido o feliz resultado do encontro do dinheiro, se deliberou a declarar-lhes que queria ir jantar descançado, para o que se pozessem no meio da rua que ja era tempo de acabar com similhantes despropositos; ao que fazendo algumas reflexões o reverendo, elle replicou que se não sahissem imediatamente por bem, iria chamar as auctoridades parochiaes para os fazerem pôr na rua por mal. Á vista d'esta fórmal resolução sahiu aquelle bando de... talvez com sentimento de verem interrompidos seus tracalhss antes do bello achado! Não quero moralizar o facto, deixando ao leitor encará-lo como lhe parecer.

Lisboa 10 de julho de 1846.

J.

Parece que o Banco-de-Lisboa vai distribuir o dividendo do 1.° semestre do corrente anno, na razão de trez por cento por acção.

A commissão municipal da cidade do Porto resolveu estabelecer uma eschola de musica no collegio dos meninos orphãos d'aquella cidade.

Entre outras providencias publicas que muito honram a commissão municipal da cidade do Porto, ha uma das mais uteis, a creação de uma eschola domingueira destinada á educação dos rapazes addidos á repartição da calcetaria.

Vai dar-se uma brilhante corrida de toiros, na Praça do Campo-de Sancta-Anna, a beneficio dos emigrados hispanhoes. Destinou-se na trincheira da *sombra* um logar reservado para Senhoras. Os camarotes são indistinctamente a 4$800 rs. Os bilhetes, pelo preço usual, estão á venda á Patriarchal Queimada n.° 89, Largo do Conde Barão, rua da Horta-sêcca n.° 21, e rua Augusta n.° 49.

Parece que na Sexta-feira (24) ou no domingo proximo teremos theatro italiano. A companhia que cantou a *Ernani* nos dará a *Lucia*. Assim iremos apagando de vez em quando a nossa saudade lyrica durante ésta quadra de encerramento theatral, aguçando o appetite para as representações regulares.

No mez de junho último foram exportadas pela barra do Porto 2,836 pipas de vinho, 223 de geropiga e 43 d'aguardente. A maior exportação foi para a Gran'Bretanha e Estados-Unidos. No mez de maio haviam sido exportadas 3,888 pipas de vinho, 17 de geropiga e 152 d'arguardente.

Em Coimbra está o trigo de 370 a 390 réis, o milho de 190 a 230 réis, a cevada de 140 a 160 réis, o centeio de 300 a 340 réis, as batatas de 150 a 170 réis, o feijão de 290 a 320 réis, o vinho de 390 a 420 réis, o azeite de 1$270 a 1$300 réis.

Por sentença do tribunal do commercio de primeira instancia, de 7 do corrente, se declara em estado de quebra o commerciante Bernardo Miguel Mendes Nogueira, desde 20 de junho d'este anno.

Por decreto de 11 do corrente houve S. M. por bem conceder á viuva do Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira uma pensão victalicia annual de 600$000 rs. *pelos relevantes serviços prestados ao Estado* (pelo falecido) *na sua longa carreira, e pelo distincto merecimento com que na qualidade de escriptor publico honrou o paiz adquirindo uma reputação europea.*

No dia 19 do corrente foi celebrado na Sé Patriarchal de Lisboa um solemne *Te Deum* pela inauguração ao solio pontifical do papa Pio IX ao qual assistiu S. M. Elrei, a côrte, e o corpo diplomatico.

No dia 9 de junho último foi assignado em Berlim um tractado de commercio e navegação entre Portugal e os estados do Gran'duque de Oldemburgo, um dos que compoem o circulo da liga das alfandegas allemans.

As últimas noticias de Cabo-Verde são muito satisfatorias. Dão aquelle archipelago totalmente livre da epidemia que grassára n'algumas das suas ilhas.

Contam-se agora em Portugal treze jornaes politicos, afora folhas avulso e outros pampheletos.